

1 NOV 1992 Morreu o Jeca Tatu

JOSÉ SARNEY

É salutar a preocupação do presidente Itamar Franco com o problema social.

O desenvolvimento brasileiro tem sido caracterizado pelo descompasso. O enfoque dos anos 50, predominante nas outras décadas, foi do desenvolvimento econômico. Ele por si só puxaria o comboio do desenvolvimento político e social.

Os fatos desmentiram as hipóteses. Tivemos o milagre econômico dos anos 70 e nessa época alcançamos um dos mais baixos níveis de subdesenvolvimento político, com o colapso das liberdades e a tutela do processo político. Por outro lado, o modelo de desenvolvimento econômico que instauramos criou uma brutal concentração de renda e rebaixou os indicadores sociais a níveis insuportáveis.

Aquele tempo, o próprio presidente, o general Médici, em meio à euforia do crescimento do PIB em 9%, a colocação do Brasil como a oitava economia do mundo ocidental, cunhou uma frase que era uma radiografia da sociedade: "O país vai bem, mas o povo vai mal."

O desenvolvimento, para cumprir seus objetivos, tem que ser harmônico em suas três vertentes: a econômica, a política e a social. Quando uma vai à frente da outra, nascem desse descompasso a instabilidade e a injustiça.

Nos últimos anos, logramos um razoável índice de desenvolvimento político. O país conheceu a liberdade em sua totalidade. Desfrutou dos seus benefícios e do seu poder criativo. As instituições se fortaleceram. Foram capazes de resistir e dar solução às crises. Chegamos mesmo a testar de maneira frontal nossa capacidade de vivermos a democracia em seus momentos de transe, como o episódio que acabamos de enfrentar do impeachment do presidente da República. Não só o Parlamento dele participou, como também o Judiciário e o Executivo, através do eficiente funcionamento dos órgãos policiais e fiscais. Devemos, também, ressaltar a impor-

tância do Ministério Público, cujas novas atribuições, definidas na Constituição de 88, mostram sua adequação ao perfeito controle das leis e de quantos são responsáveis pela coisa pública.

O mesmo não podemos dizer do desenvolvimento social. O país aponta para indicadores cada vez piores nessa área. Quando eu era presidente da República, pela primeira vez promovemos uma radiografia desse problema e a resposta a esta pergunta tão constrangedora: Por que estamos entre as primeiras economias do mundo e entre as últimas em bem-estar social?

Agora, o problema é bem mais grave. A recessão mostra sua face trágica. A taxa de desemprego chega a 16%, era de menos de 4%, quase residual. A renda *per capita* de 85/89 subiu para 11,9% positivos, e entre 90 e 91 caiu para 4,9% negativos. O PIB caiu para 4,6% negativos. Todos, índices negativos. A reforma administrativa destruiu o Estado. A corrupção o apodreceu. A inflação, com confisco, e os juros mais altos de nossa História, não saiu do patamar dos 25%. Os salários perderam mais da metade do seu poder de compra, o país empobreceu. De 85 a 89 não entrou um dólar de financiamento externo. De 91 a julho de 92 recebemos 15 bilhões de dólares destinados, todos, a fins especulativos.

O orçamento enviado ao Congresso tem quase a metade destinada a pagamento de serviço das dívidas interna e externa. Como exemplo da desgraça administrativa, algumas embaixadas do Brasil no exterior têm atrasadas contas de telefone, salários, limpeza, luz, e estão ameaçadas de despejo por falta de pagamento. As Forças Armadas não têm condições de dar café aos seus soldados e os recrutas, ao saírem, têm de devolver uniforme, porque não há verba para fardamentos. Os programas de irrigação foram destruídos e abandonados, todas as obras paralisadas. É este o legado que o presidente Itamar Franco recebe.

A violência nestes momentos sempre acompanha os fatos. Há

quatro anos, escrevi ao presidente Mitterrand dizendo que a América Latina, se o mundo desenvolvido não compreendesse nossos problemas, podia surpreender pela revolta. Infelizmente, o que aqui aconteceu, joga a culpa também em nossas costas. Casos como os da FEBEM, penitenciárias, assaltos, violência urbana e arrastões estão dentro desse quadro da recessão. É brutal a nossa situação hoje. Todos perdem dinheiro. As falências e concordatas aumentam. E enquanto isso ocorria, à sombra dos poderes da Presidência se construiu um sistema paralelo de governo para proteger os cartéis, que pagavam proteção, e gerenciar todo o dinheiro público.

Do outro lado, a fome e a miséria provocadas pela recessão.

Monteiro Lobato, na dualidade de sua visão do brasileiro, dizia que os nossos males vinham da "indolência do Zé Brasil, fruto das injustiças sociais", e do Jeca Tatu (este funesto parasita da terra, espécie de homem baldio, inadaptável à civilização). Este, graças a Deus, morreu. Há hoje um novo homem brasileiro, que não aceita a injustiça social e com ela não se conforma.

O Zé Brasil de Monteiro Lobato está nas cidades, lutando por seus direitos, trabalhando, construindo um dos maiores países do mundo e em vez de sua "indolência" há a consciência de que sem ele o país não existe. As injustiças sociais, sim, estas não podem sobreviver. Não é possível que um país como o nosso, que fabrica desde alfinetes a aviões e computadores, não tenha capacidade de acabar com esta paisagem trágica que somos obrigados a ver dos meninos a cheirar cola, dizendo que não têm medo da morte nem de nada, porque não têm destino e têm fome.

O presidente Itamar, mais do que ninguém, precisa da compreensão e da ajuda de todos. Ele é o herdeiro de um vulcão, cujas primeiras fumaças estão surgindo, escondidas que estavam no jogo do marketing político.

José Sarney é membro da Academia Brasileira de Letra e senador pelo Amapá.